

# Por que Nossa Hermenêutica Deve Ser Trinitariana?

Vern Sheridan Poythress

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto / [felipe@monergismo.com](mailto:felipe@monergismo.com)

[Publicado no *The Southern Baptist Journal of Theology* 10/1 (spring 2006), 96-98. Usado com permissão.]

Nossa hermenêutica deve ser Trinitariana porque Deus, o Criador, Redentor, e Consumador, é Trinitariano. Quando interpretamos as palavras ou as obras de Deus, precisamos levar em conta quem ele é. Tudo o que sabemos sobre ele, incluindo o caráter Trinitariano, influencia potencialmente nosso entendimento de suas palavras e obras. Além do mais, quando as pessoas introduzem conceitos errôneos de Deus, quer deístas, panteístas, unitarianos, ou modalistas, estes erros inevitavelmente afetarão a interpretação do significado das palavras e obras de Deus, pois o significado é influenciado pelo conceito de autoria da pessoa. Os efeitos podem frequentemente ser sutis, mas algumas vezes podem ser dramáticos também.

## Racionalidade

Um dos efeitos mais óbvios surge da diferença das idéias de racionalidade das pessoas. Tipicamente, as pessoas que rejeitam a Trindade assim o fazem por causa de sua alegada irracionalidade, e a substituem por um conceito racionalista de Deus, produzido pelas invenções do homem caído. E então, certamente, pode-se esperar que a razão humana se assenhoreie da interpretação das palavras e obras de Deus também.

Por contraste, na teologia Trinitariana, confessamos tanto a incompreensibilidade de Deus, devido à sua infinidade, como sua cognoscibilidade, devido à sua revelação de si mesmo tanto na Escritura como no mundo (Romanos 1:18-23). Isso indica tanto a acessibilidade da verdade como a incompreensibilidade da totalidade da verdade, e prepara o caminho para abordar a interpretação de uma forma racional, mas não racionalista.

## Redenção

O significado da Trindade é particularmente notável na redenção. Deus o Pai soberanamente controla os eventos da história e os eventos nas vidas individuais que levam à salvação individual e corporativa. Deus o Filho realiza a salvação, reconciliação, e limpeza do pecado nos eventos da crucificação e ressurreição. Deus o Espírito realiza a redenção de indivíduos e grupos através da sua vinda para nos

habitar. Certamente, todas as três Pessoas estão envolvidas em todas essas três áreas; mas cada Pessoa tem seu próprio papel.

Estes atos redentores têm implicações na hermenêutica. O controle do Pai sobre a história inclui seu controle sobre as palavras que ele dá aos homens, quer por voz divina direta como no Monte Sinai, ou através de profetas humanos como Moisés e Isaías. O controle de Deus precisa ser guardado em mente em nossa recepção da Bíblia, pois de outra forma podemos chegar a tratar a Bíblia na prática como um produto meramente humano, ou um produto onde Deus está “fazendo o melhor que pode” com seres humanos parcialmente não-cooperativos. A genuína agência humana na escrita da Escritura não implica independência de Deus ou redução do controle de Deus, não mais do que a agência genuína do Filho implica sua independência do Pai.

Segundo, considere o papel do Filho. Por causa do pecado humano, estamos separados de Deus e morreríamos se ficássemos em sua presença (lembre-se de Êxodo 33:20). Mas receber a palavra de Deus envolve receber sua presença. Morreríamos lendo a Escritura, exceto pela mediação do Filho. Através do Filho recebemos o conhecimento de Deus sem morrer.

Terceiro, considere o papel do Espírito. O Espírito “vos guiará a toda a verdade” (João 16:13). A promessa em João 16 se foca no papel especial do Espírito após o Pentecoste, e talvez também se aplica de uma maneira especial aos apóstolos. Mas o princípio com respeito à direção do Espírito generaliza para abranger toda a obra do Espírito na iluminação. Somente a pessoa cujo coração foi moldado e ajustado pelo Espírito pode entender as coisas do Espírito (1Coríntios 2:6-16). A espiritualidade é necessária para entender o ensino da Bíblia, como os santos através das eras têm reconhecido. E esta espiritualidade não é apenas alguma sensibilidade vaga para com o fenômeno religioso, mas um conhecimento espiritual das coisas divinas tal como somente o Espírito Santo pode dar. Os eruditos modernos sob a pressão do racionalismo são propensos a esquecer esse papel do Espírito.

## Outras implicações

O espaço é pequeno demais para fazer mais do que tocar em duas outras áreas em hermenêuticas.

Primeiro, os papéis do Pai, o Filho, e o Espírito na redenção Trinitariana sugere papéis análogos na comunicação verbal de Deus. Deus o Pai não está somente no controle da história, mas no controle da sua palavra que procede da sua boca. Ele é o autor da Escritura. Deus o Filho, como a Palavra de Deus (João 1:1), pode ser intimamente associado com o contexto falado pelo Pai, que então leva ao conteúdo significativo do texto bíblico. E Deus o Espírito permanece com o leitor humano na interpretação da mensagem textual (“dirá tudo o que tiver *ouvido*”, João 16:13).

Conseqüentemente, o Pai pode ser associado com o papel do autor, o Filho com o papel do texto ou discurso, e o Espírito com o papel do leitor. Isto não torna os leitores humanos infalíveis, mas para aqueles em união com Cristo, o Espírito vem como um leitor divino infalível que guia o leitor humano.

O padrão do autor, discurso e leitor podem ser generalizados até mesmo além dos limites da Escritura. Embora afirmemos que a Escritura, e não outros escritos, seja a palavra infalível de Deus, podemos também ver que o ser Trinitariano de Deus, como

Pai, Filho, e Espírito, é o arquétipo último por detrás de *toda* comunicação humana, como autores enviando discursos para os leitores. A unidade e diversidade dentro da Trindade são o arquétipo para o entendimento do tipo unidade-na-diversidade em autor, discurso e leitor. Consequentemente, somos encorajados para evitar tanto o erro unitariano, que colapsaria toda complexidade na comunicação humana num simples bloco de significado, com nenhuma diferenciação remanescente; e evitar o erro politeísta de significados múltiplos de forma caótica, tal como o que acontece quando os leitores humanos parecem senhores (deuses!) do significado.

Segundo, a linguagem humana se origina como um dom de Deus na criação, e não como o produto meramente de uma ascensão naturalista gradual do homem a partir do lodo. De fato, a descrição da Segunda Pessoa da Trindade como a Palavra (João 1:11), bem como a conversação entre o Pai e o Filho numa passagem como João 17, indica que a linguagem humana é o que é contra o pano de fundo da linguagem *divina* no mistério da comunicação intra-Trinitariana. A abordagem reducionista da linguagem deve, conseqüentemente, ser avaliada criticamente. E somos convidados a ver que os significados óbvios que até mesmo um leitor casual da Escritura pode perceber, abrem a porta para a infinidade da mente de Deus, e a infinidade do significado na comunicação intra-Trinitariana. Consequentemente, a categoria de mistério pertence ao significado e reflexões hermenêuticas sobre o significado.

## Leitura Adicional

John M. Frame, *The Doctrine of the Knowledge of God* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1987).

Vern S. Poythress, "God's Lordship in Interpretation," *Westminster Theological Journal* 50/1 (1988) 27-64. Disponível em <[http://www.frame-poythress.org/poythress\\_articles/1988GodsLordship.htm](http://www.frame-poythress.org/poythress_articles/1988GodsLordship.htm)>.

Vern S. Poythress, "Christ the Only Savior of Interpretation," *Westminster Theological Journal* 50/2 (1988) 305-321. Disponível em t <[http://www.frame-poythress.org/poythress\\_articles/1988Christ.htm](http://www.frame-poythress.org/poythress_articles/1988Christ.htm)>.

Vern S. Poythress, *God-Centered Biblical Interpretation* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1999)